

JAN-PHILIPP SENDKER

*A arte  
de ouvir o  
coração*

Tradução  
CAROLINA CAIRES COELHO

9 7 8 5 1 0 1 0

Copyright © 2002 by Karl Blessing Verlag  
Esta tradução foi publicada por acordo com Other Press LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

Traduzido do alemão por Kevin Wiliarty

TÍTULO ORIGINAL The Art of Hearing Heartbeats

CAPA Joana Figueiredo

PREPARAÇÃO Juliane Kaori

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Gabriela Morandini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sendker, Jan-Philipp

A arte de ouvir o coração / Jan-Philipp Sendker ;  
tradução Carolina Caires Coelho. — 1ª ed. — São Paulo :  
Paralela, 2013.

Título original: The Art of Hearing Heartbeats.  
ISBN 978-85-65530-27-9

1. Romance alemão I. Título.

13-01856

CDD-833

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura alemã 833

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.editoraparalela.com.br  
atendimentoaoaleitor@editoraparalela.com.br

## PARTE UM

Os olhos do velho foram a primeira coisa que me surpreendeu. Eram afundados nas órbitas, e parecia que ele não conseguia parar de olhar para mim. Sim, todos na casa de chá me observavam mais ou menos abertamente, mas era ele quem fazia isso de modo mais explícito. Como se eu fosse uma criatura exótica que ele nunca tivesse visto.

Tentando ignorá-lo, olhei ao redor na sala, uma simples casinha de madeira com poucas mesas e cadeiras montadas no chão batido. Na parede mais distante, havia um balcão onde eram expostos doces e bolos de arroz, sobre os quais dezenas de moscas já haviam pousado. Ao lado, sobre um fogareiro a gás, a água para o chá fervia em uma chaleira escura. Em um canto, refrigerantes cor de laranja estavam armazenados em caixas de madeira. Eu nunca estivera em um casebre tão deplorável. Fazia um calor insuportável. O suor escorria por minhas têmporas e pescoço. Minha calça jeans grudava no corpo. Eu estava sentada, tentando me acostumar com o local, quando, de repente, o velho se levantou e se aproximou de mim.

“Mil perdões, jovem, por abordá-la de modo tão direto”, disse ele, sentando-se à minha mesa. “É falta de educação, eu sei, principalmente porque não nos conhecemos, ou pelo menos você não me conhece, nem mesmo de vista. Eu me chamo U Ba, e já sei muitas coisas sobre você, mas admito que tal fato não justifica, de forma alguma, meu atrevimento. Creio que você deve achar estranho ser abordada por um

desconhecido em uma casa de chá de uma cidade desconhecida em uma terra desconhecida. Compreendo totalmente a sua situação, mas gostaria de — ou talvez devesse ser mais franco afirmando que preciso — lhe fazer uma pergunta. Esperei por esta oportunidade durante tanto tempo que não consigo permanecer sentado observando-a em silêncio, agora que está aqui.

“Esperei quatro anos, para ser exato, e passei muitas tardes caminhando de um lado para outro na estrada de terra, onde o ônibus deixa os poucos turistas que se aventuram nesta cidade. Às vezes, nos raros dias em que um avião vinha da capital, e quando eu conseguia, ia ao nosso pequeno aeroporto esperar por você, em vão.

“Você demorou bastante.

“Minha intenção não é repreendê-la. Por favor, não me leve a mal. Mas já estou velho e não faço ideia de quantos anos restam para mim. As pessoas de nosso país envelhecem rápido e morrem jovens. O fim da minha vida pode estar próximo, e ainda tenho uma história para contar, uma história para você.

“Você sorri. Deve achar que fiquei maluco, que sou um pouco doído, ou no mínimo excêntrico? Tem todo direito de pensar assim. Mas, por favor, eu peço, não me ignore. Não se deixe enganar pela minha aparência.

“Vejo em seus olhos que estou testando sua paciência. Por favor, me dê uma chance. Não há ninguém à sua espera, certo? Você veio sozinha, como eu esperava que viesse. Ceda apenas alguns minutos de seu tempo. Sente-se aqui comigo por mais um tempo, Julia.

“Está surpresa? Seus lindos olhos castanhos estão ainda maiores, e pela primeira vez você está, de fato, olhando para mim. Deve estar abalada. Deve estar se perguntando como eu posso saber o seu nome se nunca nos vimos antes e esta é a primeira visita que faz a este país. Está pensando que eu devo ter visto uma etiqueta em algum lugar, em sua jaqueta ou bolsa. A resposta é não. Sei seu nome, assim como sei a data e a hora de seu nascimento. Sei tudo sobre a pequena Julia que adorava, acima de tudo, escutar seu pai contando uma história. Posso até dizer qual era a sua preferida, aqui e agora: ‘A história do príncipe, da princesa e do crocodilo’.

“Julia Win. Nascida em 28 de agosto de 1968, na cidade de Nova York. Mãe norte-americana. Pai birmanês. O seu sobrenome faz parte de minha história, tem sido parte dela desde que nasci. Nos últimos quatro anos, não se passou um dia em que eu não pensasse em você. Explicarei tudo na hora certa, mas, antes, permita-me fazer minha pergunta: Você acredita no amor?”

“Está rindo. Como você é linda. Estou falando sério. Você acredita no amor, Julia?”

“Claro que não me refiro aos acessos de paixão que nos levam a fazer e dizer coisas das quais nos arrependemos depois, que nos iludem a pensar que não podemos viver sem determinada pessoa, que nos deixam tremendo de medo só de pensar em perdê-la — um sentimento que nos empobrece em vez de enriquecer, porque desejamos ter o que não podemos, manter o que não podemos.”

“Não. Eu me refiro a um amor que dá visão ao cego. De um amor mais forte do que o medo. Eu falo de um amor que dá sentido à vida, que desafia as leis naturais da deterioração, que nos faz florescer, que não tem limites. Eu me refiro ao triunfo do espírito humano sobre o egoísmo e a morte.”

“Você está balançando a cabeça, descrente. Não acredita em algo assim. Não sabe sobre o que estou falando. Não me surpreende. Mas espere. Você entenderá a que me refiro quando eu contar a história que tenho guardado em meu coração para você nesses últimos quatro anos. Peço só um pouco de paciência. Já está tarde, e você provavelmente está cansada da longa viagem. Se quiser, podemos nos encontrar de novo amanhã, no mesmo horário, nesta mesa, nesta casa de chá. Foi aqui que eu conheci seu pai, a propósito, e, na verdade, ele estava sentado bem aí, onde você está, e contou sua história enquanto eu estava exatamente onde estou agora, surpreso — e confesso — desconfiado, até confuso. Nunca tinha escutado alguém contar uma história como aquela. As palavras conseguem criar asas? Conseguem planar como borboletas no ar? Podem nos cativar, nos levar a outro mundo? Podem abrir as últimas câmaras secretas de nossa alma? Não sei se as palavras sozinhas conseguem fazer essas coisas, mas, Julia, seu pai mostrou uma voz naquele dia que uma pessoa talvez ouça apenas uma vez na vida toda.”

“Apesar de a voz dele ser baixa, não houve pessoa nesta casa de chá que não foi às lágrimas apenas ao ouvi-la. As frases dele logo tomaram a forma de uma história, e dessa história, uma vida surgiu, revelando seu poder e mágica. As coisas que eu ouvi naquele dia me fizeram acreditar, assim como seu pai acreditava.

“Não sou um homem religioso, e o amor, U Ba, é a única força na qual acredito de fato.’ Essas foram as palavras de seu pai.”

U Ba se levantou. Uniu as palmas das mãos diante do peito, fez uma discreta reverência, e saiu da casa de chá com poucos passos ligeiros e suaves.

Fiquei observando até ele desaparecer na confusão da rua.

Não, eu senti vontade de gritar para ele. Se acredito no amor? Que pergunta. Como se o amor fosse uma religião na qual se crê ou não. Não, eu queria dizer ao velho, não existe uma força mais poderosa do que o medo. Não existe triunfo sobre a morte. Não.

Permaneci encolhida em minha cadeira, com a sensação de que ainda conseguia escutar a voz dele. Era tranquila e melodiosa, como a de meu pai.

Sente-se aqui comigo por mais um tempo, Julia, Julia, Julia...

Você acredita no amor, no amor...

As palavras de seu pai, de seu pai...

Minha cabeça doía; eu estava exausta. Como se tivesse despertado de um grande pesadelo. As moscas voavam ao meu redor, pousavam em meu cabelo, testa e mãos. Não tive força para espantá-las. À minha frente, havia três doces secos. A mesa estava coberta por açúcar mascavo grudento.

Tentei bebericar meu chá. Estava frio e minha mão tremia. Por que eu havia passado tanto tempo escutando um desconhecido? Poderia ter pedido para ele parar. Poderia ter saído. Mas algo me mantivera ali. Quando eu estava prestes a me afastar, ele dissera: Julia, Julia Win. Eu não podia imaginar que ouvir meu próprio nome me deixaria tão

abalada. Como ele sabia? Será que ele realmente conhecera meu pai? Quando o vira pela última vez? Sabia se meu pai ainda estava vivo e onde podia estar escondido?



## 2

O garçom não quis receber meu dinheiro.

“Os amigos de U Ba são nossos convidados”, disse ele, fazendo uma reverência.

Ainda assim, tirei uma nota de *kyat* do bolso de minha calça. Estava gasta e imunda. Com nojo, eu a coloquei embaixo do prato. O garçom tirou a mesa, mas ignorou o dinheiro. Apontei para a nota. Ele sorriu.

Seria muito pouco? Muito suja? Coloquei uma nota de maior valor e mais limpa sobre a mesa. Ele fez uma reverência, sorriu de novo e a deixou ali também, intocada.

Do lado de fora, estava ainda mais quente. O calor me paralisou. Fiquei na frente da casa de chá incapaz de dar um passo que fosse. O sol fazia minha pele arder, e a luz forte irritava meus olhos. Coloquei um boné e abaixei a aba diante dos olhos.

A rua estava repleta de pessoas, mas, ainda assim, estranhamente silenciosa. Quase não havia veículos motorizados ali. As pessoas passavam a pé ou de bicicleta. Estacionadas em um cruzamento, havia três carruagens levadas por cavalos e um carro de boi. Os poucos carros da rua eram picapes japonesas velhas, amassadas e enferrujadas, repletas de cestos e sacos aos quais os jovens se agarravam com unhas e dentes.

Na rua, havia fileiras de lojas de madeira baixas, térreas com te-

lhado de metal corrugado, onde os vendedores ofereciam de tudo, desde arroz, amendoim, farinha e xampu além de coca-cola e cerveja. Não havia ordem... pelo menos não que eu percebesse.

A cada duas lojas, uma parecia ser uma casa de chá com clientes na frente, sentados em banquinhos de madeira. Eles tinham toalhas verdes e vermelhas enroladas na cabeça. Em vez de calça, os homens vestiam o que pareciam saias-envelope compridas.

Na minha frente, duas mulheres haviam passado uma pasta amarela nas bochechas, sobrancelhas e nariz e estavam fumando cigarrilhas compridas verde-escuras. Elas eram todas esguias, mas não abatidas, e caminhavam com a mesma elegância e leveza que eu sempre admirei em meu pai.

E a maneira como elas olhavam para mim, diretamente no rosto e nos olhos, sorrindo. Eu não conseguia entender aqueles sorrisos. Uma risadinha podia ser ameaçadora.

Outros me cumprimentavam com um meneio de cabeça. Será que eles me conheciam? Será que todos eles, assim como U Ba, estavam esperando a minha chegada? Tentei não olhar para eles. Desci a rua principal o mais rápido possível, com os olhos fixos em um ponto imaginário à distância.

Sentia saudade de Nova York, do barulho e do trânsito. Sentia saudade também dos rostos alheios de pedestres que não se interessavam uns pelos outros. Eu queria voltar para onde conhecia as ruas e sabia como me comportar.

A estrada se bifurcou depois de cerca de cem metros. Eu havia esquecido onde era meu hotel. Só conseguia ver as buganvílias grandes, mais altas até do que os casebres que elas escondiam. Os campos secos, as calçadas empoeiradas, os buracos profundos o bastante para engolir os postes que seguram cestas de basquete. Para qualquer lado que me virasse, tudo parecia estranho e sinistro.

“Senhorita Win, senhorita Win”, alguém me chamou.

Não ousei virar o corpo, mas olhei para trás. Vi um jovem que me fez lembrar o carregador de malas de hotel. Ou o carregador do aeroporto em Rangum, ou o motorista de táxi. Ou talvez o garçom na casa de chá.

“Está procurando alguma coisa, senhorita Win? Posso ajudá-la?”

“Não, obrigada”, respondi, sem querer depender daquele desconhecido. “Sim... meu hotel”, disse, desejando encontrar, acima de qualquer coisa, um lugar para me esconder, mesmo que fosse o quarto de hotel onde havia me hospedado naquela manhã.

“Subindo o monte, aqui, à direita. Fica a menos de cinco minutos”, explicou ele.

“Obrigada.”

“Espero que goste de sua estada na cidade. Bem-vinda a Kalaw”, disse ele, e ficou de pé, sorrindo, enquanto eu me virava.

No hotel, passei silenciosa e rapidamente pela recepcionista sorridente, subi a enorme escada de madeira que levava ao segundo andar e me afundei na cama.

A viagem de Nova York para Rangum havia demorado mais de setenta e duas horas. Depois passei a noite toda e metade do dia seguinte em um ônibus caindo aos pedaços lotado de pessoas malcheirosas, pessoas que não estavam usando nada além de saias encardidas, camisetas puídas e sandálias de plástico. Com frangos e porquinhos berrando. Uma viagem de vinte horas em estradas que mal lembravam ruas. Leitos de rios secos, se quer saber. Tudo isso só para sair da capital para esse pequeno vilarejo montanhoso afastado.

Devo ter dormido. O sol havia desaparecido; a noite caía. Uma semiescuridão tomava conta da sala. Minha mala estava fechada sobre a outra cama. Olhei ao redor, e meus olhos iam de um lado a outro, como se eu precisasse lembrar a mim mesma onde estava. Havia um velho ventilador de madeira no teto bem acima de mim. A sala era grande, e os móveis espartanos davam a ela um ar monástico. Ao lado da porta, havia um armário simples; perto da janela, uma mesa e uma cadeira; entre as camas, um pequeno criado-mudo. As paredes brancas não tinham decorações, quadros nem espelhos. Os velhos tacos de madeira do chão eram lisos devido ao desgaste. O único luxo era uma

pequena geladeira coreana. Não funcionava. O vento frio da noite passava pelas janelas abertas.

No lusco-fusco, algumas horas depois de o sol ter se posto, meu encontro com o senhor na casa de chá parecia ainda mais absurdo e misterioso do que tinha sido à luz do dia. Imagens espectrais atravessavam minha mente, imagens que eu não sabia interpretar, imagens que não faziam sentido. Eu tentei me lembrar. Ele usava uma camisa branca amarelada pelo uso, um *longyi* verde e chinelos de dedo de borracha. Tinha cabelos brancos, crespos e cortados rente à cabeça. Seu rosto era marcado por rugas profundas. Não sabia sua idade. Sesenta, talvez setenta. Ele sorriu de novo, um sorriso cuja relevância eu não conseguia determinar. Seria desdenhoso, debochado? Compassivo? O que ele queria de mim?

Dinheiro. O que mais? Ele não havia pedido nenhum, mas seus dentes e camisa deixavam claro. Sabia aonde ele queria chegar. Podia ter perguntado qual era o meu nome para alguém do hotel. Ele provavelmente tinha esquemas com a recepção. Um trapaceiro que queria despertar minha curiosidade, causar uma impressão para oferecer seus serviços de vidente. Não, não... um astrólogo. Eu não cairia na história. Ele estava perdendo seu tempo.

Ele havia dito alguma coisa que sugerisse que havia, de fato, conhecido meu pai? Meu pai, supostamente, disse a ele: “Não sou um homem religioso, e o amor, U Ba, é a única força na qual acredito de fato”. Meu pai sequer teria pensado algo daquele tipo, muito menos dito em voz alta. Muito menos para um desconhecido. Ou será que eu estava me enganando? Não era mais provável uma ridícula presunção de minha parte imaginar que eu compreendia os pensamentos ou sentimentos de meu pai? Até que ponto eu o conhecera? O pai que eu acreditara conhecer teria desaparecido, de repente, sem ao menos deixar um bilhete? Teria abandonado a esposa, o filho e a filha sem explicação, sem enviar uma palavra que fosse?

Seu rastro desaparece em Bangcoc, segundo a polícia. Pode ter sido assaltado e morto na Tailândia. Ou teria sido vítima de um acidente no golfo de Sião? Será que ele esperava aproveitar duas semanas de paz e tranquilidade, para variar? Talvez ele tivesse ido para o litoral

e se afogado ali enquanto nadava. Essa é a versão de nossa família, a oficial, pelo menos.

O grupo de investigação de homicídios suspeitava que ele tivesse vida dupla. Eles se recusaram a aceitar o relato de minha mãe, de que ela não sabia nada dos primeiros vinte anos da vida dele. Consideravam essa ideia tão absurda que a princípio suspeitaram que ela tivesse participado de alguma forma do desaparecimento dele, como cúmplice ou autora do crime. Apenas quando ficou claro que não havia seguros de vida de valores exorbitantes envolvidos, que ninguém se beneficiaria financeiramente de sua morte arranjada, eles deixaram de lado suas suspeitas. Podia muito bem haver um lado de meu pai escondido no mistério daqueles primeiros vinte anos há muito esquecidos, um lado que nós, sua família, nunca tínhamos visto.